

RACISMO, DESIGUALDADE SOCIAL E OS EFEITOS NO DESENVOLVIMENTO DA IDENTIDADE-ÉTNICO RACIAL DE CRIANÇAS EM CONTEXTOS SOCIALMENTE VULNERÁVEIS

Sandra Duarte Antão¹

Igor da Silva Geremias²

Ana Cláudia de Azevedo Peixoto³

Resumo

Este estudo é um recorte da pesquisa de campo de mestrado da autora principal ⁽¹⁾ que apresentava como objetivo a elaboração de um Programa de Intervenção para crianças em vulnerabilidade social. A pesquisa foi realizada no ano de 2019 no bairro Paraíso de Cima/Barra Mansa. Foram selecionadas 21 crianças para levantamento da competência social e problemas de comportamentos através do instrumento Child Behavior Checklist respondido pelos responsáveis. Este estudo atendeu aos princípios éticos sendo aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa da UFRRJ. Entre os dados sociodemográficos coletados, no que concerne a identificação étnico-racial, esta foi obtida através da declaração dos informantes, utilizando-se a classificação segundo IBGE. Os resultados indicaram que 13 crianças foram identificadas como pretas e 8 como sendo pardas, compondo assim 100% dos participantes. É possível corroborar estudos que indicam a existência de uma demarcação racial encontrada nas condições de vulnerabilidade social, sendo a população negra o reflexo dessa estatística. Assim, o racismo mostra-se como fator de risco para o desenvolvimento infantojuvenil. O estudo sugere a ampliação de pesquisas que contribuam para a promoção do fortalecimento da identidade étnico-racial de crianças e adolescentes negros bem como intervenções práticas para uma Psicologia Antirracista.

Palavras-chave: Vulnerabilidade social. Racismo. Infância. Identidade étnico-racial.

Introdução

¹ Mestre em Psicologia (UFRRJ), Docente do UGB-FERP

² Graduando em História (UGB-FERP)

³ Graduanda em História (UGB-FERP)

De acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei Federal n. 8.069/90), são direitos fundamentais de toda criança e adolescente a proteção à vida e a saúde, que dar-se-á através da efetivação de políticas sociais públicas, garantindo através de condições dignas de existência um desenvolvimento sadio e harmonioso. No entanto, estudos tem evidenciado que crianças e adolescentes expostos a vulnerabilidade social estão mais propensas a vivenciar violações múltiplas, o que poderá impactar diretamente em diferentes âmbitos de suas vidas, ao longo de todo o desenvolvimento (FONSECA et al., 2013; DI TOMMASO, 2006).

É possível perceber que a desigualdade social no país aponta para a demarcação racial encontrada nas condições de vulnerabilidade social. Dados do IBGE retratam que com uma população de 56% de pretos e pardos, no que concerne à pobreza monetária, estas representam mais que o dobro de pessoas brancas com rendimento abaixo da linha da pobreza. A análise do número de pessoas pretas residindo em domicílios sem acesso a pelo menos um serviço de saneamento representou 44,5% dos entrevistados, em contraste a 27,9 % de pessoas brancas. Os dados divulgados em documento elaborado pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF,2018) apontam que aproximadamente 10 milhões de crianças e adolescentes no Brasil não possuem acesso à internet, dos quais 70% são negros. Quando a violência no país é avaliada, os dados tornam-se ainda mais alarmantes. A cada 23 minutos um jovem negro é assassinado no Brasil (Ribeiro,2019). Dados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2021) aponta que 76,2% das pessoas assassinadas em 2020 eram pretas. Dos adolescentes entre 15 e 19 anos vítimas de violência letal, 81% eram pretos. Esses dados justificaram o desenvolvimento do presente estudo, apontando para uma triste e grave constatação: a violência, a pobreza e a desigualdade social têm uma cor nesse país e é a população preta que reflete essa estatística. É importante destacar ainda que a construção deste trabalho surge a partir da experiência dos autores desse estudo no trabalho voluntário realizado com crianças e adolescentes que vivem em situação de vulnerabilidade social no bairro Paraisópolis na cidade de Barra Mansa/RJ(ANTAO,2020).

A partir da vivência junto aos contextos ecológicos de desenvolvimento das crianças e adolescentes, tem sido possível perceber de que forma o racismo opera na

construção da identidade dessas pessoas. É crucial a construção de estudos no campo da ciência Psicológica que evidenciem os impactos que crianças e adolescentes expostos a estes contextos experimentam, bem como possam apontar práticas que ofereçam ações de enfrentamento que promovam o fortalecimento da consciência étnico-racial e de ações contínuas para a descolonização na construção do conhecimento.

Metodologia

O recorte aqui apresentado é parte dos resultados da pesquisa de Mestrado (ANTAO, 2020) realizada durante o ano de 2019. O objetivo dessa etapa era realizar um levantamento da competência social e de problemas de comportamento de crianças moradoras de uma comunidade no bairro Paraíso de Cima na cidade de Barra Mansa. A pesquisa de campo foi realizada no ano de 2019. Foram avaliadas 21 crianças entre 6 e 11 anos selecionadas por conveniência. Foi realizada a aplicação do instrumento Child Behavior Checklist (CBC que é parte de um sistema de avaliações desenvolvido por Achenbach e Rescorla (2001) que avalia os comportamentos infantis por faixa etária. O instrumento possui 138 questões, sendo 20 destinados a avaliação da competência social da criança e 118 relativos a problemas de comportamento totalizando 11 escalas de avaliação. As respostas foram encaminhadas para o setor responsável pela correção do Sistema Achenbach (Achenbach System of Empirically Based Assessment - ASEBA). O programa inclui módulos para digitar e analisar os dados obtidos através deste instrumento. Esse instrumento é respondido pelos responsáveis da criança e foi aplicado de maneira individual. Além da análise quantitativa, alguns dados também foram avaliados de forma qualitativa, a saber, a identificação étnico-racial dos participantes, objetivo da discussão apresentada neste trabalho.

Resultados e Discussão

A coleta dos dados sociodemográficos iniciais do instrumento utilizado, permite a realização da classificação étnico-racial dos participantes. Os responsáveis foram perguntados a respeito da classificação étnico-racial da criança, considerando o sistema de classificação por cor ou raça segundo o IBGE que indica cinco categorias: branca, preta, parda, amarela e indígena. Os resultados indicaram que 13 crianças foram identificadas como pretas e 8 como sendo pardas, compondo assim 100% dos participantes. Esses dados suscitam algumas importantes discussões que serão aqui apresentadas.

Historicamente, a pessoa preta foi vítima da escravidão e ainda sofre com os efeitos da colonização. A identidade do povo negro é estruturada sob o viés da desumanização, forjada sob uma sociedade que projeta o preconceito e a discriminação racial em seu cotidiano. Conforme apresenta Munanga (2019, p. 15) “a identidade do mundo negro se inscreve no real sob a forma de exclusão. Ser negro é ser excluído”. Destituído de sua história, sua língua, costumes e ideologias, restava assim, descaracterizado de sua identidade, assumir o lugar de colonizado,

Somado a isso, o “racismo a brasileira” possui uma particularidade em sua disseminação, contribuindo para a falsa ideia de que não existe racismo no Brasil. Trata-se do Mito da Democracia Racial, sendo considerada uma falsa ideologia da igualdade entre os povos e da cruel e violenta miscigenação entre as raças (PETRÔNIO,2005). Sem qualquer política pública de reparação dos danos causados, as pessoas negras começaram a trilhar os caminhos da vulnerabilidade social que ainda hoje refletem na realidade dessa população. Os impactos desse processo, conecta passado e presente, pois como denuncia Kilomba (2020, p.213) “cotidiana e abruptamente, como um choque alarmante, ficamos presas/os a cenas que evocam o passado, mas que, na verdade, são parte de um presente irracional”.

Dessa forma a sociedade brasileira foi formada sob o viés do racismo que estruturalmente delinea as relações sociais e identitárias no país. Conforme afirma Almeida (2020) o racismo é estrutural. Estando enraizado na história do país, é notório constatar os efeitos principalmente na formação da identidade étnico-racial de crianças e adolescentes: senso de baixa autoestima por sua cor não ser símbolo de beleza e por suas características biológicas não apresentarem características de

desejabilidade social, além de insegurança, culpa, raiva, tristeza e isolamento social. Almeida (2020,p. 68) declara: o mais comum é que o negro e a negra internalizem a ideia de uma sociedade dividida entre negros e brancos, em que brancos mandam e negros obedecem”. Sob todos os aspectos, a racionalização dos povos possui relação intrínseca com a política, logo, enquanto ciência e profissão, a Psicologia necessita realizar diálogos para que pessoas vítimas da desigualdade racial possam ter suas necessidades socioemocionais contempladas, compreendendo sua história e todos os conflitos advindos do racismo.

Considerações Finais

As discussões aqui retratadas, foram fundamentais para que a pesquisa de Doutorado (2020-2024) seguisse seu fundamento na busca por estratégias para fortalecimento da identidade étnico-racial e principalmente pudesse gerar um impacto positivo na luta antirracista. A pesquisa segue sendo estruturada com objetivo de implementar uma intervenção para o desenvolvimento da identidade étnico-racial de adolescentes em vulnerabilidade social. Pretende-se desenvolver práticas que orientem os adolescentes a estabelecer uma conexão saudável com sua identidade e possibilite traçar o caminho de volta para suas origens, e isso poderá ser guiado através do exercício de sua negritude. Objetiva-se ainda contribuir para um olhar sob a diversidade através do respeito que advém do conhecimento e da história, promovendo assim, para pessoas de outras etnias, acesso a outras narrativas do povo negro, este sendo protagonista de uma história de sucesso. Para finalizar, Adichie nos lembra que (2019, p.32) “as histórias foram usadas para espolar e caluniar, mas também podem ser usadas para empoderar e humanizar”.

Referências

ANTÃO, S. D. Proposta de intervenção psicossocial para crianças em vulnerabilidade social focada em habilidades socioemocionais. 2020. 112p. **Dissertação do**

Mestrado em Psicologia. Orientadora Prof.^a Dr.^a Ana Cláudia de Azevedo Peixoto. Instituto de Educação, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2020.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única.** Companhia das Letras, 2019.

ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural.** São Paulo: Editora Jandaíra, 2020.
BRASIL. Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 16 jul. 1990. Disponível em:
<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069.htm#art266>. Acesso em: 01 set. 2022.

DI TOMMASO, Maria Laura. Measuring the well being of children using a capability approach An application to Indian data. CHILD-Centre for Household, Income, **Labour and Demographic economics** - ITALY, 2006. Disponível em:<
https://ideas.repec.org/p/wpc/wplist/wp05_06.html>. Acesso: 20 Jan 2020

FONSECA, Franciele Fagundes et al. As vulnerabilidades na infância e adolescência e as políticas públicas brasileiras de intervenção. **Revista Paulista de Pediatria**, v. 31, n. 2, p. 258- 264, 2013.

Fórum Brasileiro de Segurança Pública. **A violência contra pessoas negras no Brasil**, 2021. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2021/11/infografico-violencia-desigualdade-racial-2021-v3.pdf>. Acesso em: 01 Fev 2022

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Síntese de indicadores sociais** : uma análise das condições de vida da população brasileira. Rio de Janeiro, 2021.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano.** Editora Cobogó, 2020.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude-Nova Edição: Usos e sentidos.** Autêntica Editora, 2019.

PETRÔNIO, Domingues. O mito da democracia racial e a mestiçagem no Brasil (1889-1930). **Diálogos latinoamericanos**, v. 10, p. 116-131, 2005.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista.** São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

UNICEF. Bem-estar e privações múltiplas na infância e na adolescência no Brasil. Brasília, 2018. Disponível em <https://www.unicef.org/brazil/media/2061/file/Bem-estar-e-privacoes-multiplas-na-infancia-e-na-adolescencia-no-Brasil.pdf>. Acesso em março de 2020.